

SOCIEDADE INDUSTRIAL E CRISE CULTURAL: REFLEXÕES SOBRE A MODERNIDADE EM NIETZSCHE

Ricardo de Oliveira Toledo¹

RESUMO: O presente texto é resultado de um estudo sobre as noções de indivíduo, sociedade e cultura na era da industrialização a partir das obras *Humano, demasiado humano*, volumes I e II, e *Aurora* de Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900). A questão que motivou a pesquisa foi como a indústria, instrumento do poder econômico, reorientou as energias e as forças dos indivíduos europeus, especialmente aqueles do novo Estado alemão, para a produção em massa e quais foram os impactos dessa reorientação para a cultura. É apresentada uma reflexão que serve como um viés crítico paralelo às reflexões de cunho marxista. São abordadas concepções como aquelas de crise cultural, cultura da máquina e ação individual desenfreada, tendo em vista a leitura que o filósofo alemão fez de uma sociedade supostamente mecanicista e não voltada para a criação de indivíduos intelectualmente autônomos.

PALAVRAS-CHAVE: Indivíduo, Sociedade, Cultura, Industrialização.

ABSTRACT: This text is the result of a study of the notions of individual, society and culture in times of industrialization from the lecture of the books *Human, all too human*, I and II, and *Daybreak* of Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900). The question that motivated the research was how the industry, the economic power instrument, redirected the energies and forces of European individuals, especially those of the new German state, to mass production and what were the impacts of this shift to the culture. It is presented a reflection that serves as a critical path parallel to the reflections based in the Marxism point of view. Conceptions as those of cultural crisis, the machine culture and unbridled individual action are considered in order to understand the perception that the German philosopher had about a supposedly mechanistic society and not focused on the creation of intellectually autonomous individuals.

KEYWORDS: Individual, Society, Culture Industrialization.

¹ Doutor em Filosofia – UERJ), ricardotoledo1979@hotmail.com

Introdução

O estudo abaixo pressupõe que Nietzsche foi um relevante pensador da cultura de seu tempo. Para a delimitação da pesquisa foram analisadas três obras do pensador alemão: *Humano, demasiado humano I* (MA I/HH I), “Opiniões e sentenças diversas” (VMS/OS) e “O andarilho e sua sombra” (WS/AS) que são duas seções de *Humano, demasiado humano II*, e *Aurora* (M/A). Em alguns trechos serão utilizadas passagens de fragmentos póstumos (NF).² O principal objetivo é entender como Nietzsche encara os efeitos da nova organização da sociedade industrial da Modernidade na cultura europeia, especialmente no nascente Estado alemão. A questão basilar deste trabalho é como a indústria reorientou as energias e forças individuais para a produção em massa e quais foram as consequências de tal reorientação para a cultura em tempos industriais. Os escritos de Nietzsche são brevemente contrapostos às reflexões socialistas com matrizes marxistas referentes ao tema aqui abordado. Ressalta-se, de antemão, que o leitor se perceberá transitando pela relação entre indivíduo, sociedade, trabalho industrial e cultura ao longo das linhas seguintes. Concomitantemente, poderá reconhecer elementos que o filósofo do século XIX em discussão considera centrais para o enfraquecimento cultural de sua época. A avaliação de um tipo de cultura aprecia a maneira como uma sociedade se organiza hierarquicamente, como legitima e aceita sua forma de poder político e econômico e, enfim, como justifica seu sistema moral. No caso do presente estudo, destacam-se apenas os resultados para a cultura e para o indivíduo da organização a partir das demandas de produção em massa do poder econômico. O texto foi desenvolvido em um só bloco, ou seja, sem seções. Porém, possui um trajeto. No primeiro momento, aparece o posicionamento do conjunto *Humano, demasiado humano* na crítica cultural do século XIX. Em seguida, define-se o que se entende como a crise cultural sobre a qual Nietzsche lança seus esforços filosóficos. Mais adiante, são contrapostas as reflexões sobre a industrialização em Nietzsche e as perspectivas socialistas. Finalmente, volta-se para a ideia de sociedade mecanizada e suas consequências para a autonomia intelectual de seus indivíduos e para a cultura.

² As obras de Nietzsche serão referenciadas assim. Os textos de *Humano, demasiado humano I e II* contarão com o número do aforismo e o número da página nas traduções de Paulo César de Souza para a Companhia das Letras. Para as referências de *Aurora* somente aparecerá o número do aforismo, pois a tradução é direta do alemão. Os fragmentos póstumos aparecem de acordo com a indexação da KSA (NIETZSCHE, 1988).

Industrialização e crise cultural

Humano, demasiado humano não deve ser considerado como mera obra de passagem no pensamento de Nietzsche. Para o próprio autor, longe de ser escrito para ser uma obra intermediária, resolvia-se em suas conclusões e abria-se para novos problemas. Considera-se, pois, um equívoco afirmar que tivesse sido escrito para conter elementos de transição que servissem de ponte entre uma produção intelectual juvenil e os escritos da maturidade do pensador alemão. Somente um Nietzsche maduro ou seus futuros leitores poderiam perceber o desenvolvimento que algumas temáticas viriam a ter nos escritos da década de 1880. Porém, se o texto de 1879 não é uma obra de passagem, insere-se num momento de passagem histórico, e é neste sentido que contém elementos críticos que se situam numa transição. Em termos mais claros, *Humano, demasiado humano* aponta para um contexto de crise cultural vivenciado tanto pelo povo alemão quanto pelo europeu em geral.³

A crise cultural é mais bem explicada no aforismo 248 de *Humano, demasiado humano I* como um caos de todas as culturas em nome do progresso desesperado. O antigo se mistura ao novo, porém, uma forma ainda não se estabelece. Os frutos não amadurecem. Neste avanço frenético, o antigo se perde e o novo se torna frágil. A crise não tem uma conotação puramente negativa desde que em seu vacilar aprenda a recolher e lançar mão de suas novas aquisições. O progresso cultural é tomado como movimento em oposição à estabilidade - ao que é sempre estático. É o imperativo nietzschiano: “Apenas andemos, apenas saíamos do lugar!” (MA I/HH I, 248, p. 157). Na dinâmica brota a forma. No movimento do soldado marcha-se adiante, no do dançarino, vai-se a todas as direções. Não é só o futuro, mas o passado também é reaccessado. Cultura sem movimento está fadada ao seu fim do mesmo modo que a vida completamente estática não é possível.

Ivo da Silva Júnior assinala que a noção de cultura em Nietzsche possui duas perspectivas. A primeira, derivada do termo *Kultur*, versa sobre um agrupamento humano de forma mais ampla, não se opondo, mas completando o sentido de *Civilisation*. Isso quer dizer que, em seu pensamento, não havia a distinção comum na língua alemão de definir *Kultur* com referências restritas à vida intelectual e espiritual, enquanto *Civilisation* se restringiria ao domínio material. A segunda perspectiva, de *Bildung*, situa-se no plano da formação do indivíduo particular. No universo intelectual alemão, desde os fins do século XVIII, *Bildung* encerra em si um sentido ideológico, educacional, filosófico e estético. O termo, por não ter uma tradução simples, precisa ser principalmente explicado e interpretado. Remonta a uma

³ Cf. ABBEY, Ruth. *Nietzsche's middle period*. New York, Oxford University Press, 2000.

formação do indivíduo por meio de uma severa e disciplinada educação, tendo em vista ideais nobres e virtuosos, um conhecimento aguçado, o desenvolvimento do caráter e da personalidade. Assim, a *Bildung* traz “atrelada a si a ideia de autoformação do psíquico, do intelectual e do físico” (SILVA JÚNIOR, 2007, p. 27), desvinculando-se de qualquer finalidade pragmática ou revolucionária.

A crise cultural alemã não está obrigatoriamente aliada a retrocessos políticos ou econômicos. Aliás, se há algo bem notório na Alemanha pós 1871 é a prosperidade nesses âmbitos. Os projetos políticos e econômicos não eram mais meros sonhos de intelectuais ou ações de militantes nacionalistas. Haviam se efetivado na figura de um Estado promissor, detentor dos quesitos de uma nação capitalista.⁴ A Alemanha participava ativamente do processo histórico conhecido como 2ª Revolução Industrial, ficando tecnologicamente à frente de outros países europeus, como a Inglaterra. Concomitantemente, a ciência alemã ganhava cada vez mais destaque em áreas como a engenharia e a medicina. Além disso, não se poderia dizer que o debate filosófico tenha perdido sua diversidade, já que a segunda metade do século XIX contou com vários intelectuais, como Karl Marx (1818-1883), Karl Dühring (1833-1921), Gottlob Frege (1848-1925), dentre outros relevantes nomes. Em tom otimista, pode-se afirmar que o novo Estado materializava as tendências capitalistas para a produção em série que pudesse atender à crescente demanda das zonas mundiais de consumo. Para tanto, como já vinha ocorrendo nas demais nações industrializadas europeias, foi necessário criar uma organização social para o trabalho, tendo sua legitimação na repercussão de uma proposta cultural que sintetizasse os dois grandes edifícios humanos dos últimos três séculos, a ciência e a indústria, numa só concepção: a de civilização. Grosso modo, a civilização é o sonho iluminista e positivista transformado em realidade, com um tempero ainda mais

⁴ Jairo Dias Carvalho reconhece a crítica nietzschiana ao Estado e se propõe uma pergunta fundamental: “O pensamento de Nietzsche concentra-se na necessidade de auto-superação do homem e é neste contexto que ele critica o Estado e, é neste sentido que podemos nos perguntar como deve ser organizada a sociedade e para que fins” (CARVALHO, 2005, p. 172). O Estado representaria a identidade totalizada do povo, caráter contrário à filosofia pluralista de Nietzsche, que consistia na valorização do comércio da multiplicidade humana – como se poderia esperar do homem europeu mencionado acima. Segundo o comentador, o cerne da crítica esta em *Humano, demasiado humano*: “[...] o primeiro elemento de crítica ao Estado de Nietzsche ao Estado é o de que não se pode identificar a multiplicidade característica do meio social à unidade do Estado” (Ibid., p. 173). O instrumento que impede a difusão da multiplicidade, que se atarraca com algo que, simultaneamente, organiza e nivela os indivíduos é a educação. Essa formaria homens cada vez mais iguais, destruindo a vigorosa energia que surge no âmbito da individualidade, impedindo, por conseguinte, o aparecimento do gênio, do homem raro. Continuando o comentário, Carvalho encontra a resposta para sua pergunta: “Nietzsche clama, então, por uma grande política a ser instituída, em que uma elite de legisladores filósofos guiara (no caso) a Europa para além da política do nacionalismo” (Ibid., p. 176). Esses legisladores não se preocupariam com sua legitimação, mas com a auto-superação do homem por meio de uma “grande política”. Esta sim se pautaria no “esbanjamento de energias e recursos pelo gênio criador ou grande indivíduo” (Ibid., Idem).

cientificista. Na civilização, ciência e prática puderam se unir. O conhecimento e sua aplicação eficaz passaram a caminhar de mãos dadas em torno de uma promessa de que quanto maior fosse a ordem orgânica, maior seria o progresso social. Se o Nietzsche de *Humano, demasiado humano* se apoia teoricamente no novo estatuto do conhecimento trazido pela ciência, em especial, pelos naturalistas oitocentistas, carregando consigo um rompimento definitivo com a metafísica como autoridade explicativa do mundo, demonstra-se cético quanto ao destino da cultura a partir da união entre a ciência e a indústria.⁵ A preocupação com a nova ordem para Nietzsche pode ser notada em suas críticas a concepções como as de civilização, rebanho, cultura de máquina e Modernidade.⁶

A cultura da máquina é uma alusão à coesão social voltada para o trabalho e para a organização política totalizante que se dá em virtude de forças frias e impessoais e das energias intelectuais prejudicadas. Como se nota no aforismo 218 de *O andarilho e sua sombra*, a meta pedagógica desse tipo cultural é a centralização. O avanço tecnológico que impõe novos meios de produção e de relações sociais faz com que tudo funcione de forma inorgânica. As várias etapas de uma vida – e da vida de uma cultura – não mais importam, pois no tempo da máquina tudo é repetição. Na máquina não há expansão de si mesma, mas somente reprodução. Analogamente, as multidões humanas em tempos de industrialização são encadeadas como as engrenagens mecânicas. O indivíduo é transmutado em uma parte instrumental do maquinário. As mesmas energias intelectuais que foram usadas para a construção de tal cultura são suprimidas, sobrando as energias inferiores do pensamento. O aforismo 220 do referido texto aponta para um enfraquecimento da genialidade e para o

⁵ Cf. BROBJER, Thomas; MOORE, Gregory. *Nietzsche and Science*. Hampshire: Ashgate Publishing Limited, 2004.

⁶ Céline Denat (2011) considera que a Modernidade para Nietzsche é uma época de *décadance* da vida e da cultura. O mundo moderno é uma fórmula mórbida e seu homem um tipo humano fraco, medíocre, sem personalidade e sem força. Ao viver uma crise, pode descobrir condições para sua cura. Embora possa cambaleiar entre a recuperação ou a morte, a Modernidade comporta as possibilidades para que o homem consiga se superar. São quatro as grandes características do homem moderno. A primeira delas é seu desejo ilimitado de saber, num apetite descomedido pela história que atormenta a cultura, uma febre historiadora. Nada é triado pelo homem teórico, tudo é bom. A perspectiva prática ou vital é perdida. A segunda característica é sua falta de gosto, que tem como causa as ideias modernas e democráticas. Estas igualam o valor de todas as coisas, impedindo que escolhas sejam operadas. Não se consegue mais valorizar ou desprezar, reter ou rejeitar autonomamente. Pior, os instintos democráticos levam a uma hostilidade ao que é mais elevado. A terceira é a de ser difuso e caótico. A explicação de Denat desta característica, nas palavras do pensador, é que o homem moderno é uma mistura de todos os estilos, como aparece na primeira *Extemporânea*, ou uma acumulação grotesca. Sua diversidade é, na verdade, uma mistura caótica e sem unidade. A última característica de maior relevância, que pressupõe a ausência de limites, diversidade e o caos é a inquietude, a extrema agitação, que paradoxalmente pode desembocar numa paralisia, conduzindo o desejo de saber ao ceticismo, o otimismo teórico ao pessimismo, a esperança do conhecimento e do domínio absolutos ao sentimento de fim, de desespero. Enquanto um filósofo médico, Nietzsche especifica que sua tarefa seria a de mostrar um caminho para a superação do homem moderno, abrindo espaço para uma nova saúde.

desaparecimento do grande artista, uma vez que o indivíduo não sente mais a necessidade de subir mais alto. Sem as forças artísticas as pessoas se tornam ativas e uniformes no mesmo instante em que se percebem desesperadas pela alma tediosa. Por seu turno, no aforismo 286 o que se vê é que a utilidade do trabalho determina o valor social do indivíduo. Noutros termos, o trabalho como produto das energias individuais se transforma num critério de avaliação. E mais: “O que agora denominamos justiça vem a propósito nesse terreno, como uma bem refinada utilidade que não apenas considera o momento e explora a ocasião, mas visa à permanência de todas as condições [...]” (WS/AS, 286, p. 291). Nesse sentido, Nietzsche parece dialogar com os marxistas, dado o aparecimento de expressões como “a exploração do trabalhador”.

A partir do que se lê no último parágrafo o leitor pode supor certa proximidade entre as reflexões sobre a indústria e o trabalho em Nietzsche e o pensamento de Marx. No entanto, como adverte Massimo Montinari (2002), Nietzsche não apenas tinha pouco contato, mas conhecia pouco o movimento socialista de seu tempo. Ainda assim, compartilhava mais ou menos os preconceitos antissocialistas do limitado ambiente luterano provincial da Saxônia, da cidade de operários de Naumburg, do universo acadêmico de Leipzig e de Basileia em, enfim, da vida vagamente cosmopolita de Nizza e Sils-Maria. A partir de 1876, seu pensamento acentuaria seu individualismo antipolítico, aceitando acriticamente as polêmicas liberais contra o Socialismo, que seria o desejo do máximo de Estado. Montinari elenca os possíveis contatos entre Nietzsche e o movimento socialista. O único representante da esquerda alemã que teria travado um conhecimento mais próximo foi Ferdinand Lassalle (1825-1864), por quem nutria certa simpatia. Dele se pode ler, por exemplo, num fragmento de 1870 (NF-1870,8[57]). Outro indício de aproximação teria sido através dos colóquios realizados com Richard (1813-1883) e Cosima Wagner (1837-1930) em Tribtschen entre 1869 e 1872. Sua amiga teria convivido com figuras ligadas à história do movimento socialista alemão, como Lassalle, Lothar Bucher (1817-1892) e Georg Herwegh (1817-1875) e isso era assunto de conversas entre ambos. Em sua amizade com Malwida, a idealista, que se relacionou por algum tempo com o revolucionário russo Herzen, teve outro contato indireto com os ideais socialistas. Apesar disso, nunca se ocupou com um conhecimento científico da economia política burguesa ou com o movimento operário europeu. Sua posição

antissocialista se concentrava na questão da igualdade. Para ele, esta seria a principal reivindicação do Socialismo.⁷

Na opinião de Nietzsche os socialistas tomam a propriedade privada como um mal moral. Isto só faz sentido a partir de um olhar moralizante, que despreza tudo o que está na constituição do que é humano: as injustiças, as violências, a escravidão, o embuste e o erro. A cultura não se inicia pela justaposição dos indivíduos bem organizados socialmente (no sentido positivista). Sua origem está na luta entre homens, na violência proporcional ou desproporcional entre um e outro, nos erros que levaram os homens a selecionar o que é mais do que é menos vantajoso, na dominação. A ideologia socialista extirpa dos indivíduos o que lhes é próprio: o conflito. Nega que uns devam ser mais ricos que outros, enquanto a riqueza foi um meio para que alguns tivessem acesso à aristocracia da raça, gastando tempo e recursos para seu aprimoramento físico e intelectual. Efetivamente, o que o Socialismo propõe é o aniquilamento formal do indivíduo, que seria um “luxo injustificado da natureza”, transformando-o num “órgão da comunidade”. Socialismo e despotismo possuem como meta o poder estatal, e nisso não há novidade nas utopias modernas.⁸

Para Nietzsche, as propostas socialistas, sintomas de degeneração cultural, não resolveriam o problema da crise em que a cultura se encontrava. Pelo contrário, eliminariam uma figura importante para o fortalecimento cultural: o grande indivíduo, que não vivia o frenesi da agitação desenfreada. Entretanto, mais comum era encontrar a massa não pensante, fundamentalmente agitada pelo trabalho. No aforismo 439 do primeiro livro de *Humano, demasiado humano*, Nietzsche afirma que para haver uma cultura superior é imperioso que exista uma casta de homens ociosos, que trabalhem se for do seu interesse, não agitados pelas exigências laborais. A fala de Nietzsche tem profunda tendência aristocrática, considerando-se que, na Grécia Antiga, em Roma ou mesmo na Europa Medieval, o trabalho era destinado a uma casta servil e mais pobre da sociedade. Porém, com a eliminação da nobreza pelas insurreições burguesas dos séculos XVII e XVIII, o espaço para o livre pensamento se tornou

⁷ Para Horkheimer (1995), Nietzsche, que não havia estudado diretamente Marx, mas baseava suas críticas aos socialistas a partir de seu contato com os social-democratas, manteve ao longo de seus escritos uma visão de que o trabalho moderno é uma atividade menor e sempre escraviza o indivíduo.

⁸ Segundo Rüdiger Safranski (2005 e 2011) Marx não se contentava com o Estado como a invenção máxima e definitiva da humanidade, e sim ansiava pelo direito igualitário à posse. Se há igualdade na distribuição dos bens no corpo social, encontra-se a realização da felicidade. Isto demonstra que Nietzsche, quando fazia uma crítica aos socialistas, creditando ao Estado os maiores esforços da esquerda europeia, não distingue muito bem o que a ala mais recente dela pensava sobre ultrapassamento da organização social sob a gerência estatal.

cada vez mais restrito. Aqueles que ainda se arriscavam a se dedicar a tal tarefa passaram a ser mal vistos pelos semelhantes. Assim, a sociedade foi criando formas que atendessem aos interesses da burguesia e dos homens atarefados como forma de mantê-los ocupados, embora, espiritualmente acomodados. Passou a ocorrer um verdadeiro adestramento para a domesticação. O aforismo 438 demonstra que: “O caráter demagógico e a intenção de influir sobre as massas são comuns a todos os partidos atuais: por causa dessa intenção, todos são obrigados a transformar seus princípios em grandes afrescos de estupidez, pintando-os na parede” (MA I/HH I, 438, p. 214). Um dos critérios para que algo seja aceito pela massa é a vantagem para um número maior de pessoas. Usa-se o intelecto para imaginar maneiras de tornar a vida geral mais agradável, mas o que se consegue pensar é muito estreito: “o orgulho pelas cinco ou seis noções que a sua mente abriga e manifesta realmente lhes torna a vida agradável a ponto de suportarem com gosto as fatais conseqüências de sua estreiteza [...]”⁹

O ideal da cultura da máquina é a impessoalidade e, conseqüentemente, a desumanização. Outra vez Nietzsche dá a sensação e retomar as críticas marxistas ao mundo capitalista. Em seu entendimento, o trabalho maquinufaturado elimina a distinção entre os produtos dos diversos indivíduos. Pode-se comprovar isso pela seguinte passagem: “Antes, toda compra feita a artesãos era uma distinção da pessoa, e o comprador cercava-se de distintivos dela” (WS/AS, 288, p. 292). Ora, se para Marx o que pesa é o fato de que a exploração do trabalho nas máquinas é alienante, retirando do trabalhador a posse justa de seu produto e os meios de sublevação, para Nietzsche o problema está na igualação dos indivíduos. Aqui não há uma crítica econômica e nem primordialmente política. O temor é pela cultura, que voltada para o trabalho de produção em grande escala e seriada (indistinta), educada nos padrões das máquinas, perde em multiplicidade, na singularidade de seus indivíduos. A exigência pela igualdade política e financeira decorre da igualdade a que todos foram submetidos na esfera intelectual e produtiva. Daí o juízo socialista de que tudo aquilo que desvia a sociedade da luta pela igualdade deveria ser classificado como injusto e prejudicial, como a elevação espiritual e a propriedade privada.

Como se viu anteriormente, a degeneração da cultura na Modernidade passa pelo embotamento do indivíduo. Tanto a sociedade industrial quanto aqueles que propõem a sua reformulação, os já mencionados socialistas, são ameaças para uma cultura forte, tendo em comum o desejo por uma organização que elimina as diferenças intelectuais entre as pessoas. A valorização da singularidade em detrimento da massificação cultural em Nietzsche é tal que

⁹ Ibid., Idem.

ele diz: “Acho que cada pessoa deve ter opinião própria sobre cada coisa a respeito da qual é possível ter opinião, porque ela mesma é uma coisa particular e única, que ocupa em relação a todas as outras uma posição nova, sem precedentes”.¹⁰ A vida contemplativa que permite a formação da singularidade e faz com que o indivíduo deixe sua contribuição para a cultura, ao ser suprimida na agitação moderna, dá lugar a indivíduos que operam mecanicamente, sem liberdade para que consigam ser o que quiserem. Nos aforismos 477 e 478 do primeiro livro de *Humano, demasiado humano*, Nietzsche afirma que o homem europeu, tendo como exemplo a sociedade inglesa, passou a remanejar as suas energias para a ação laboriosa. O europeu não apenas se dedica ao trabalho (*Arbeit*), mas se trona laborioso (*Fleiß*). Todos trabalham não mais para atender às necessidades básicas para a sobrevivência, como faziam os servos medievais ou os camponeses modernos. Na era da indústria, o que os indivíduos buscam é o ganho. A laboriosidade tem em vista a posse, o poder, o máximo de liberdade e a nobreza individual. Porém, tais anseios nem sempre são alcançados, pois o máximo de esforço físico não implica propriamente o fortalecimento intelectual ou cultural. O homem moderno modifica a concepção de “dignidade humana”. Não em nome da segurança, moradia e demais prazeres que é criado o trabalho livre e a escravidão abolida, mas da vaidade. Esta também é definida como o sentimento de não se querer ser considerado inferior na hierarquia social. A condição do escravo é sempre a do mais desprezível dos homens. Desconsiderando-se a vaidade, a condição de trabalho e de vida do escravo é melhor que a do trabalhador moderno. A única vantagem que este tem sobre aquele é o fato de se declarar livre, não se considerando inferior publicamente. Em nome desta o indivíduo aceita se submeter ao mundo do trabalho como se nele encontrasse uma vantagem real. No fim, coloca-se numa condição real pior que a do escravo, perdendo sua dignidade. A escravidão se fez culturalmente necessária para que o senhor pudesse dedicar tempo a si mesmo, num exercício de crescimento físico e intelectual. Em contraposição, o operário nada investe em si mesmo. Em direção oposta, o espírito livre evita a atividade desenfreada e se permite o ócio não por preguiça, e sim por não aceitar a atividade irracional desenfreada.

A agitação da vida cotidiana impede a tranquilidade do pensamento. Como decorrência, aparece a falta de paciência que gera a intolerância (o ódio) a opiniões alheias. Tudo se torna mecanizado. Cada indivíduo é primeiramente o representante de uma espécie, indolente como ser individual e único. Ao sistema importa que a máquina e sua cultura se movam sem interrupções, sem lentidão. Uma força contrária, um pensamento diferenciado

¹⁰ Ibid., p. 286, 177.

advindo do espírito livre, ao cair nas engrenagens da máquina pode causar um estouro, atrapalhando seu funcionamento. Nietzsche declara que o resultado disso é que a “falta de tranquilidade lança a civilização moderna numa nova barbárie” (MA I/HH I, 285, p. 177). A inquietude adquire um valor específico no mundo do trabalho: é atividade produtora do que é coletivo e consumível, não do que é genuinamente individual. Continuando a citação, segue-se que: entre “[...] as correções que necessitamos fazer no caráter da humanidade está fortalecer em grande medida o elemento contemplativo”.¹¹ Todavia, a vida moderna em geral, na contramão de sua ciência, rejeita toda atitude independente e cautelosa no conhecimento. No máximo, há espaço para a erudição como acumulação de conhecimentos e repercussão da tradição. O espírito livre é banido para o solitário canto da ciência. O novo tipo dominante da Modernidade, o operário, nada investe em si mesmo. A glorificação e as máximas contemporâneas sobre a benção do trabalho, tanto quanto os elogios dos atos impessoais e de interesse geral, alicerçam-se no temor de tudo que é individual. O trabalhador que tudo faz por sua segurança, deixa de trabalhar pela cultura, exatamente porque está integrado a um meio cultural ao qual não se vê impelido a abolir. Portanto, como está indicado no aforismo 177, o trabalho é a melhor polícia, evitando o desenvolvimento da razão, dos desejos e o gosto pela independência. Seu objetivo é mesquinho, de fácil satisfação. Nada precisa ser maior do que a organização e que a repetição: “E aí está (o horror!) justamente o trabalhador que se tornou perigoso! Os indivíduos perigosos formigam! E atrás deles está o perigo dos perigos – o *individuum!*” (M/A, 173). A comparação entre os trabalhadores contemporâneos e as formigas é um recurso comum em *Aurora*. Subentende-se que, assim como num formigueiro tudo sempre será como em todas as épocas precedentes, uma cultura voltada para a indústria pode acabar sendo irrevogavelmente hermética. Aos operários, o conselho é para que se tornem senhores de si em regiões selvagens e intactas do mundo, que não evitem a aventura e a guerra, que não se aceitem somente como pertencentes a uma classe. Se isto acatarem, poderão propiciar algo além da colmeia europeia, protestando num ato de liberdade contra a máquina. Quem desconsiderar os conselhos de Nietzsche, permanecendo e fazendo valer as novas virtudes da Europa “superpovoada e dobrada sobre si mesma”,¹² seria impróprio para o fortalecimento da cultura, enquanto aqueles que deixassem o continente, os aventureiros, levariam consigo as verdadeiras virtudes. O que se percebe nas palavras do filósofo é que ele ansiava por desbravadores da cultura, que pudessem criar por onde

¹¹ Ibid. Ibidem.

¹² Ibid., 206.

passassem, que carregassem em sua bagagem apenas o que fosse grandioso: as coisas boas e belas que a Europa produziu.

Estranhamente, a crítica de Nietzsche à cultura de seu tempo ainda parece conter certo otimismo. No aforismo 179, de *Opiniões e sentenças diversas*, Nietzsche afirma que não houve época mais feliz que a sua. Nela era possível fruir daquilo que as culturas do passado haviam deixado, isto é, suas produções. Segundo o filósofo, ainda era possível nutrir-se do “mais nobre sangue de todas as épocas” (VMS/OS, 179, p. 86). Pela primeira vez em sua história, e por causa da própria História, a humanidade podia olhar para além de seu tempo, o que não ocorrera em nenhum outro momento, pois cada cultura só conseguia olhar para si mesma, como se algo encobrisse a “abóbada” em que os homens do passado viviam de tal maneira que nenhum olhar a pudesse ultrapassar. Para Nietzsche, seu tempo possibilitava aos homens não apenas olharem para o passado, mas também para o futuro, uma vez que poderiam se reconhecer como tendo o próprio destino em suas mãos. Poderiam ser capazes de perceber a sua força e, a partir dela, descobrir qual era a tarefa a se fazer. Mas, há aqueles que não se alimentam do melhor de seu tempo, e retiram deste apenas o que é mais amargo. O filósofo os chama de “homens-abelhas”, que constroem sua colmeia de mal-estar. Todavia, o problema do presente passa a ser bem mais complexo do que aquele resultante da amargura dos “homens-abelhas”. Atordoados pela voz do populacho, que se faz ouvir sempre mais alta, em consequência do espaço que esta vem ganhando, tornando confusos os elementos culturais, os educadores se tornam homens atordoados, calados e, por fim, embotados, o que pode comprometer as gerações futuras. De algum modo, uma cultura começa a mostrar aquilo que nela não vai bem quando suas produções são coisas ruins ou medíocres. O homem que sabe olhar para além de seu tempo não é aquele que luta, como um tipo de soldado, para perpetuar sua época, mas que procura melhorá-la através da busca pelo melhor, pelo excelente.

Considerações finais

A cultura forte se determina pela grande multiplicidade de elementos, de forças e energias aproveitadas. Nietzsche demarcou com pertinência a crise cultural de seu tempo, marcada pelas esperanças nacionalistas não concretizadas de criação de Estados igualitários e justos, pela crença na ciência para a formação de uma humanidade esclarecida, que se superasse em todos os sentidos, pelo avanço da indústria e a consequente subjugação física e intelectual dos indivíduos e pela insuficiência das repostas idealistas para a compreensão do

homem e sua sociedade. É importante mencionar que a industrialização não teria sido empreendida sem que antes ocorresse o avanço de um espírito moderno pautado no comércio. O estamento dos comerciantes que se contrapôs na Idade Média ao domínio nobre e que pouco se importava com as fronteiras e suas identidades, com as virtudes dos indivíduos e sua comunidade, estabelecia não somente uma nova ordem econômica global. O comércio e sua principal aliada, a indústria, arrastaram quase que em sua totalidade todas as esferas da vida humana para o universo da produção para o consumo. Qualquer atividade humana deve ser rentável. Nada é mascarado para embelezar a vida. Mascara-se para que o produto seja desejável pela vantagem que oferece, por parecer tornar a existência mais cômoda e mais segura, para imprimir um status. No final, toda esta postura só fazia mostrar homens descontentes, cansados, atormentados, adoentados, decadentes com uma agitação estranhamente despropositada. O indivíduo contemporâneo sofre pelo sentimento de falta de pertença a um lugar, um ofício, pela insegurança quanto ao seu futuro. Logo, agita-se de um lado para o outro em busca do sustento, submetendo-se sem o devido preparo físico ou intelectual, dedicando toda sua força e energia sem encontrar um sentido. Pouco dedica para si, ainda que suponha gastar o tempo para seu benefício. A educação, na maior parte das vezes, funciona como preparação para o mercado de trabalho e, em pequeno grau, para o cultivo da singularidade. Educa-se não para que alguém assuma as rédeas de seu destino, para se tornar um destino, mas para ser uma peça das engrenagens da máquina sociocultural, que sufoca uma cultura que quer escapar do movimento de forças culturais centrípetas e, conseqüentemente, repetitivas e tediosas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBEY, Ruth. *Nietzsche's middle period*. New York, Oxford University Press, 2000.

BROBJER, Thomas; MOORE, Gregory. *Nietzsche and Science*. Hampshire: Ashgate Publishing Limited, 2004.

DENAT, Céline. A concepção nietzschiana de homem moderno ou a modernidade como momento “crítico” da história. In, *As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche* (Org. MARTINS, André; SANTIAGO, Homero; OLIVA, Luis César). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.

CARVALHO, Jairo Dias. Nietzsche e a crítica ao Estado. *Revista Educação e Filosofia. Revista da UFU, Uberlândia*, vol. 19, nº 37, jan./jun. 2005, pp. 165-178. ISSN 0102-6801.

HORKHEIMER, Max. *Gesammelte Schriften*. Frankfurt: Fischer, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano: Um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Humano, demasiado humano II*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe – KSA* (Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari). Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1988. 15 Bänden.

MONTINARI, Massimo. Equívocos marxistas. In, *Cadernos Nietzsche: Revista de Filosofia – Revista do GEN/USP*, São Paulo, v. 12, 2002, pp. 33-52.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche. Biographie seines Denkens*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2005.

_____. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia: Uma biografia*. Trad. Willian Lagos. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

SILVA JÚNIOR, Ivo da. *Em busca de um lugar ao sol: Nietzsche e a cultura alemã*. São Paulo: Editora UNIJUÍ, 2007.